

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO: a precarização no circuito produtivo do açaí em Igarapé-Miri/PA

Rodrigo Dias Sampaio¹

RESUMO

Este artigo apresenta o circuito produtivo do açaí no município de Igarapé-Miri/PA, identificando os atores de produção e comercialização, tendo como objetivo a discussão acerca das condições de trabalho postas às comunidades ribeirinhas e àqueles que sobrevivem da comercialização do fruto a partir da chegada das agroindústrias, estabelecendo conexões com as novas configurações do trabalho na sociedade capitalista a nível global. Considerando a introdução como primeira seção, a segunda debate a história do cultivo do açaí em Igarapé-Miri e a relação das fábricas com a exportação do fruto; a terceira seção debate as transformações societárias que derivam do fluxo da produção e das novas relações trabalhistas, trazendo a discussão da sociologia do trabalho na análise do circuito produtivo do açaí, finalizando com as considerações acerca do que fora abordado, além das referências utilizadas na construção do presente artigo.

Palavras-chave: Açaí; Igarapé-Miri; Trabalho; Precarização.

ABSTRACT

This article presents the productive circuit of açaí in the municipality of Igarapé-Miri/PA, identifying the actors of production and commercialization, with the objective of discussing the labor conditions faced by riverside communities and those who survive from the commercialization of the fruit with the arrival of agro-industries, establishing connections with the new configurations of labor in capitalist society at the global level. Considering the introduction as the first section, the second discusses the history of açaí cultivation in Igarapé-Miri and the relation of the factories with the exportation of the fruit; the third section discusses the societal transformations that derive from the flow of production and the new labor relations, bringing the discussion of the sociology of labor to the analysis of the açaí productive circuit, ending with the considerations about what was addressed, and the references used in the construction of this article.

Keywords: Açaí; Igarapé-Miri; Labor; Precarization.

¹ Universidade Federal do Pará; Licenciado em Filosofia. Graduando em Serviço Social; Email: sodrigorampaio@gmail.com

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada
Internacional
Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

1 INTRODUÇÃO

O açaí é um fruto amazônico de consumo bastante comum em muitos lares paraenses, considerando sua presença que é abundante na região. O estado do Pará atribui em sua cultura grande significado ao açaí, pois ele atravessa não somente a culinária de forma bastante emblemática, mas os aspectos econômicos da região, bem como as relações de trabalho, as vivências de comunidades ribeirinhas, o desenvolvimento sustentável, entre outros.

Localizado no nordeste paraense, o município de Igarapé-Miri é o responsável por cerca de 30% da produção do estado do Pará inteiro. Conhecido popularmente como a “capital mundial do açaí”, o município possui cerca de 63.367 habitantes, de acordo com o IBGE, incluindo a área urbana e rural, contabilizando uma área de 1.996,790 km². Mesmo sendo considerado um município de pequeno porte em extensão territorial e populacional, Igarapé-Miri já conta com sete fábricas, as quais retêm mais de 90% do açaí produzido nas várzeas a fim de comercializar a polpa do fruto e o palmito, segundo entrevista ao jornal O Liberal (2021) realizada com o Sindicato dos Trabalhadores do município.

O trabalho enquanto direito social mostra-se cada vez mais situado em contradições e complexidades que derivam da sofisticação da classe burguesa em consolidar-se como projeto hegemônico de controle e privação daquilo que é produzido socialmente.

Deste modo, o objetivo deste trabalho é discutir as transformações ocorridas no cultivo e comercialização do açaí a partir da chegada das agroindústrias, as condições de trabalho dos produtores e produtoras rurais, bem como as relações com as novas configurações do trabalho produtivo na sociedade capitalista.

Neste sentido, através dos métodos de pesquisa bibliográfica e documental, busca-se analisar dados secundários sobre a produção mapeada do açaí em Igarapé-Miri, a partir da perspectiva teórico-crítica de autores relevantes na discussão da sociologia do trabalho, como Karl Marx, Ricardo Antunes, Ana Elizabete Mota e outros

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

pesquisadores. Além disso, também foi utilizada como técnica de pesquisa a observação participante – uma vez que sou filho da cidade e participo das interações e relações sociais que se tem com as riquezas de Igarapé-Miri – no intuito de pavimentar o debate acerca das implicações regionais que derivam de um sistema de acumulação e concentração de riqueza que é, na realidade, global.

2 A PRODUÇÃO DE AÇAÍ NA CIDADE DE IGARAPÉ-MIRI/PA

2.1 Resgate histórico do protagonismo dos produtores ribeirinhos

O fim do ciclo da cana-de-açúcar, em 1980, trouxe muitas transformações nos aspectos econômicos de Igarapé-Miri. Nesta década, a atividade pesqueira também sofreu impactos pela construção da Usina Hidroelétrica de Tucuruí, que reduziu muitas espécies e afetou a pesca do mapará, peixe típico das águas doces da região do Baixo-Tocantins.

Com o aumento do desemprego que adveio do encerramento das atividades nos engenhos de açúcar, trabalhadores e trabalhadoras rurais mudaram-se para os centros urbanos de Igarapé-Miri, e a pobreza foi um dos resultados deste êxodo rural na região. Neste mesmo período da década de 1980, chegavam as fábricas da indústria de palmito, que já haviam se instalado desde a década de 1970 no sudeste paraense, e que agora ocupariam o Baixo-Tocantins.

As várzeas de Igarapé-Miri sofreram impactos da extração do palmito, pois as palmeiras de açaí eram cortadas em idade ainda produtiva, afetando não somente a produção do fruto, mas a dieta nutricional da população, e assim iniciou-se um dos grandes marcos do movimento de trabalhadores e trabalhadoras rurais da cidade: o desafio de resgatar as terras do cultivo do açaí.

De acordo com a Prefeitura Municipal de Igarapé-Miri, uma das alternativas foi o Projeto Mutirão que surgiu na década de 1990, uma iniciativa de mulheres que, lutando pela igualdade de direitos e pelo trabalho de seus maridos, lideraram o

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

movimento de retorno às várzeas para retomar as atividades da produção rural; assim, nasce a Associação Mutirão (AMUT) em maio de 1990.

Ainda segundo a Prefeitura, os associados organizados a partir do movimento de mulheres ocuparam uma área devoluta de 200 hectares às margens do igarapé Tracuateua; depois avançaram e ocuparam mais 145 hectares às margens do rio Meruú-Açu e ali construíram a primeira sede para conter o avanço do capital.

O grupo de associados conciliava o trabalho informal na cidade durante o dia e pela noite seguiam para a área conhecida como Ponta Negra, onde homens e mulheres atravessavam em canoas com tijolos, paus, pedras, madeira, para a construção da sede da AMUT, com o objetivo de construir uma alternativa de luta e resistência ao capital: a reeducação da produção do açaí.

De certo a presença das fábricas alterou o comportamento dos ribeirinhos e ribeirinhas e a rotina de trabalho. Os processos de produção envolviam novos cuidados de higiene e manuseio do fruto, por exemplo, mas a luta desses trabalhadores e trabalhadoras impactou todas as relações de trabalho e produção do fruto na cidade em um movimento complexo e conflituoso.

2.2 A relação das fábricas com a produção e exportação do açaí

As transformações no mundo do trabalho trazem consigo uma alteração no circuito produtivo do açaí. Com a chegada das fábricas, os agentes envolvidos nas etapas de produção tornam-se fundamentais para compreender as complexidades de identificação das relações trabalhistas nesse circuito.

De acordo com a pesquisa de campo de Rayanni Cabral (2021), o município possui sete agroindústrias de processamento de açaí reconhecidas e declaradas pela Secretaria Municipal do Meio-Ambiente (SEMMA), sendo elas: Vitanat, SB Indústria, Nutrilatino, Dapancol, Bony Açaí, Amazon Palmito e Açaí Miriense. Entretanto, apesar de inserirem a comercialização do açaí a nível nacional e até internacional, as fábricas não acompanham todo o circuito de produção do fruto.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Os momentos dessa produção podem ser divididos em: cultivo do açaí, extração/colheita, travessia pelos barcos, comercialização do fruto, e em seguida o beneficiamento das fábricas. Três atores aqui são primordiais para compreender a problemática da presença das fábricas e dessas relações de trabalho: o produtor ribeirinho, que é o apanhador ou *peconheiro*; o atravessador que realiza o transporte das várzeas até a comercialização e, por último, o corpo empresarial das fábricas.

Explica Rogez (2000) que “para subir até o cume do estipe, os apanhadores utilizam uma espécie de cinto trançado por eles mesmos, que é chamado regionalmente de peconha”. O peconheiro é o trabalhador que sobe na árvore e colhe o fruto com um facão; aquele que realiza a debulha com as próprias mãos, retirando os frutos entre os ramos com o passar dos dedos e colocando o açaí num cesto feito com fibras de jacitara, que chamamos de *rasa*. Feitas para conservar o fruto em melhores condições, as rasas comportam 14 ou 28 quilos de açaí.

Então, entra na discussão o atravessador; é ele o responsável por transportar o açaí já em cestos através de barcos para a comercialização. Sua figura é importante não somente pelo fato de que o açaí é cultivado em várzeas, logo o transporte realizado pela navegação é mais propício, mas também pela facilidade que se tem de adquirir o fruto em abundante quantidade, em vista do contato direto com o peconheiro.

Com isso, localizamos o principal facilitador das negociações do açaí com as fábricas. Segundo Cabral (2021):

No município de Igarapé-Miri, os produtores das ilhas não comercializam sua produção diretamente com as fábricas de processamento. A produção dos produtores é comercializada e acumulada pelos atravessadores, que após gerar uma quantidade expressiva é comercializada com as agroindústrias (CABRAL, 2021, p. 12).

Os atravessadores também são os responsáveis por abastecer a feira municipal da cidade, local onde os donos e donas de batedeiras compram as rasas para realizar o comércio local, fazendo com que chegue aos lares mirienses o

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



consumo doméstico do açaí através de uma espécie de vitamina, um suco – que chamamos somente de “litro”, em uma linguagem popular.

Em resumo deste quadro, o atravessador compra dos produtores e fornece às fábricas que aguardam a travessia com caminhões prontos para transportar o açaí até as instalações de processamento e exportação para vários destinos. Algo curioso na pesquisa de Cabral (2021) é o apontamento de que:

Alguns produtores de açaí do município organizam-se em associações e cooperativas afim de comercializar sua produção para empresas e assim ter mais lucratividade. Contudo, a compra do açaí beneficiado nas agroindústrias é feita quase que exclusivamente pelo atravessador, que ainda exerce papel preponderante no processo, diante da acumulação de produção que atende a necessidade das fábricas do município (CABRAL, 2021, p. 18).

Não é que consideremos o atravessador como o acumulador da produção, ele é um trabalhador que está inserido em uma relação de trabalho complexa que nos leva a pensar isso. No entanto, é preciso um estudo crítico de quem seria esse acumulador e quem seria esse trabalhador.

3 TRANSFORMAÇÕES SOCIETÁRIAS DERIVADAS DO AVANÇO DO CAPITAL EM IGARAPÉ-MIRI/PA

3.1 O fluxo da produção

O Sindicato dos Trabalhadores do município de Igarapé-Miri aponta que os produtores de açaí associados às cooperativas não são expressivos. De acordo com a entidade em entrevista ao jornal O Liberal (2021), apenas 48 mil paneiros de 600 mil que saem por semana do município são oriundos de cooperativas, e apenas 2 a 3% do que é produzido é para consumo da população local.

O objetivo dos primeiros movimentos ribeirinhos para a reeducação da produção parece se esvaír diante da lógica de mercado implantada pelas fábricas que, ao priorizar a comercialização em relações diretas com os atravessadores,

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada
Internacional
Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



dissolveu o trabalho das associações em realizar a tarefa de controle de qualidade daquilo que é produzido, colhido e comercializado.

Além disso, os 2 a 3% destinados à população miriense nos faz questionar a qualidade da vitamina vendida, que põe em risco a capacidade nutricional do açaí que é naturalmente rico em ferro e vitaminas e que, ao sobrar tão pouco para o consumo local, resta aos batedores e batedoras multiplicarem a quantidade da vitamina com mais água do que o necessário, comercializando o que chamamos de “chula” a fim de equilibrar o custo da rasa que tende a subir de acordo com a escassez da safra.

Embora o presidente do Sindicato dos Trabalhadores, Elivelton Miranda (O LIBERAL, 2021), informe que há no município três associações/cooperativas atuando com a comercialização padronizada do açaí, sabe-se que a quantidade demandada pelas agroindústrias ultrapassa o volume do açaí cultivado por produtores associados.

Marcelino (2015) já nos adianta que:

Na realidade brasileira, a terceirização é inseparável da ampliação da exploração do trabalho, da precarização das condições de vida da classe trabalhadora e do esforço contínuo das empresas para enfraquecer as organizações dos trabalhadores (MARCELINO, 2015, p. 113).

Fora da organização do sindicato e das associações/cooperativas, cerca de 92% dos peconheiros mantêm produções desacompanhadas de controle de qualidade, e as fábricas aproveitam-se dessa técnica não-qualificada regularmente para lhes pagar cada vez menos.

3.2 A sociologia do trabalho na análise do circuito produtivo do açaí

Posta essa realidade, discutamos: o atravessador não é o produtor, e o peconheiro que produz não é funcionário dele; o atravessador também não é funcionário da fábrica, ele revende o que comprou do peconheiro; a fábrica, por sua vez, depende de todo o circuito de produção do açaí mas não emprega os responsáveis pelo fornecimento de sua matéria-prima.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Para Teixeira (TEIXEIRA, 1996 *apud* MOTA, 1997):

Este movimento é responsável pela criação de novas formas de produção de mercadorias, mediante a racionalização do trabalho vivo, pelo uso da ciência e da tecnologia e a implementação de formas de produção externas às empresas, permitindo-lhes a aquisição de mercadorias fabricadas fora do seu espaço fabril (TEIXEIRA, 1996 *apud* MOTA, 1997, p. 55).

É desta nova configuração de produção que Mota (1997) distingue dois grandes grupos de trabalhadores: “os empregados estáveis do grande capital e os trabalhadores excluídos do emprego formal e, conseqüentemente, sujeitos ao trabalho desprotegido”.

Quem acumula, na realidade, não é o atravessador, tampouco o peconheiro produtor; é a fábrica que espraia o seu chão e cria na reestruturação produtiva e nas transformações nos processos técnicos do trabalho novas estratégias de acumulação e lucratividade, de modo que o trabalhador da ponta, isto é, o produtor do açaí, o qual:

Em sua imensa maioria sobe nas palmeiras sem roupa adequada ou qualquer equipamento de proteção individual (EPI), e com uma faca ou facão (terçado), sem bainha, entre seus dentes, ou enfiando em seu calção, provavelmente a única peça de roupa que será acompanhada por uma camiseta leve (FUNDACENTRO; PEABIRU, 2016, p. 23).

Seja o principal ator produtivo das fábricas através da compra da força de trabalho que se dá, apesar de tudo, sob um contrato invisível.

Entretanto, Marx (2014) também aponta como a indústria dos transportes, mesmo sem participar da produção material do trabalho, agrega valor ao produto que interessa ao capital. O atravessador que compra do peconheiro se insere em uma concepção de indústria mais ampla que a análise marxiana aponta. Em suas palavras:

O que a indústria dos transportes vende é o próprio deslocamento de lugar. O efeito útil obtido é indissolúvelmente vinculado ao processo de transporte, isto é, ao processo de produção da indústria dos transportes. Homens e mercadorias viajam num meio de transporte, e sua viagem, seu movimento espacial, é justamente o processo de produção efetuado (MARX, 2014, p. 133).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Nos arranjos de um trabalho complexo, onde nem o peconheiro e nem o atravessador são funcionários em relações empregatícias com a fábrica, o trabalhador se sente “como um cidadão que trabalha no seu próprio local de produção sem ninguém para vigiá-lo ou lhe dar ordens. Ele se sente patrão de si mesmo, dono de seu próprio negócio” (TEIXEIRA, 1996 *apud* MOTA, 1997). Essa terceirização do trabalho produtivo formada por trabalhadores e trabalhadoras distanciados do controle dos patrões compõem às novas configurações do trabalho, um arranjo que é caríssimo ao sistema de exploração do capital: a autoexploração (MOTA, 1997) de si, que leva consigo a sua família e outros trabalhadores e trabalhadoras em desemprego.

Os produtores, ribeirinhos e ribeirinhas, podem agora produzir o quanto quiserem, sem jornada de trabalho pré-definida, para venderem aos atravessadores que já negociaram com as fábricas para destiná-las as rasas de açai antes mesmo que cheguem à feira da cidade. Para Marcelino (2015):

A terceirização, ou seja, a interposição de uma outra empresa na contratação de trabalhadores e trabalhadoras, se transformou no mais importante recurso estratégico para a redução dos custos do trabalho e, portanto, poderosa alavanca de recomposição das taxas de lucro. Ao mesmo tempo, pela externalização dos conflitos trabalhistas, a terceirização atua também como poderoso instrumento de desarticulação política dos trabalhadores e trabalhadoras (MARCELINO, 2015, p. 113).

Dessa forma, as agroindústrias aumentam ainda mais seus lucros com a mão de obra barata, desprotegida e até infantil, pois os peconheiros e atravessadores percebem que se os filhos ajudarem, assim como se as esposas, vizinhas e vizinhos desempregados ajudarem, a produção é maior, gerando um ciclo de autoexploração nas comunidades ribeirinhas. Essas fábricas não lhes devem nada, pelo contrário, todo o custo da produção – que envolve o artesanato das peconhas e cestos de palha, as lonas onde se arrea o fruto, os barcos de transporte, a gasolina, e assim por diante – é responsabilidade dos peconheiros e atravessadores.

Nesse processo de desproteção e desvalorização do trabalho, as fábricas costumam pagar cerca de R\$60,00 até R\$80,00 por rasa, valor abaixo do custo de

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

produção, considerando inclusive a grande quantidade que compram, enquanto que os atravessadores necessitam realizar lucro maior na feira da cidade, onde os batedores e batedoras locais irão comprar a rasa por R\$120,00 em média (O LIBERAL, 2021), o dobro do que as fábricas costumam pagar.

Para os pesquisadores:

A reestruturação produtiva promovida na economia do açaí vem implicando a necessidade de colher uma maior quantidade de matéria-prima para atender, não apenas o consumo familiar ou mercado local, mas um mercado global, em que emerge uma nova cadeia de valor do açaí (REYMÃO; FILHO; KOURY, 2020, p. 11).

Apontada a reestruturação produtiva, podemos identificar impactos na sociedade do ciclo de exploração do trabalho: do restante que fica para alimentar a população, ela tem que optar entre a chula – pois os batedores e batedoras de açaí também necessitam tirar o lucro para seu sustento através da multiplicação da vitamina – ou investir em um litro de maior qualidade, que embora pareça barato em comparação às outras cidades custando cerca de R\$10,00 até R\$15,00, já custou R\$2,00 em 2008. Para uma cidade que baseia sua economia e reprodução social no cultivo do açaí em tais condições de trabalho e exploração, o aumento é significativo.

Através disso é possível identificar que “a precariedade do trabalho implica não apenas a não observância de direitos trabalhistas, mas também a perda do direito ao desenvolvimento, privando-o da cidadania plena” (REYMÃO; FILHO; KOURY, 2020). Sob o discurso do desenvolvimento do município e a inserção no mercado global a partir da chegada das fábricas, as comunidades ribeirinhas passam a experienciar a precarização do trabalho que leva a população miriense à exclusão daquilo que é produzido por ela. É o estranhamento ao fruto do trabalho que ocorre ao ver nas prateleiras dos supermercados algum energético ou sorvete ultraprocessado feito a partir do açaí cultivado em nossas várzeas e, não conseguir identificar aonde estamos naquele produto.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Quando falamos de transformações societárias, devemos analisar as modificações que o trabalho sofreu para que possamos enxergar que o empregado unido ao chão da fábrica não é mais a única realidade da classe trabalhadora.

Ricardo Antunes (2018) nos convida a refletir sobre a ampliação do trabalho precarizado nessa cadeia de produção terceirizada ao dizer que:

Ao mesmo tempo em que se amplia o contingente de trabalhadores e trabalhadoras em escala global, há uma redução imensa dos empregos; aqueles que se mantêm empregados presenciam a corrosão dos seus direitos sociais e a erosão de suas conquistas históricas, consequência da lógica destrutiva do capital que, conforme expulsa centenas de milhões de homens e mulheres do mundo produtivo (em sentido amplo), recria, nos mais distantes e longínquos espaços, novas modalidades de trabalho informal, intermitente, precarizado, 'flexível', depauperando ainda mais os níveis de remuneração daqueles que se mantêm trabalhando (ANTUNES, 2018, p. 30).

Aprofundando ainda mais os debates sobre exploração, desigualdade, privação e alienação consequentes do trabalho assalariado, Antunes nos faz perceber de forma particular a “sociabilidade” existente entre homens e mulheres que são empregados e aqueles que, mesmo desempregados, mantêm relações de trabalho.

O circuito precarizado da produção do açaí não é um fenômeno isolado, ao contrário, ele é uma expressão da insurgência das novas configurações do trabalho que atravessam toda a sociedade em um movimento que disfarça o assalariamento e aumenta a lucratividade do capital a partir da instabilidade e insegurança que constituem esse cenário.

As experiências que Antunes destaca, como o *zero hour contract* (contrato de zero hora) da Inglaterra e – o mais expressivo – processo de *Uberização* do trabalho, comprovam que Igarapé-Miri não possui um problema regional exclusivo que nasceu de sua particularidade, mas trata-se de outra ocasião: o município está inserido em uma dimensão global de transformações no mundo do trabalho que, assim como em outras localidades, vivencia o trabalho sem contrato, a não previsibilidade de horas a cumprir, a desproteção de direitos e a autoexploração.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Analisemos que os motoristas da Uber sob o trabalho desregulamentado, sendo os responsáveis por arcar com as despesas de seus veículos, seguridade, manutenção, aparelho telefônico, plano de internet, não estão em realidade distinta à dos peconheiros e atravessadores responsáveis por seus custos de produção. Enquanto a empresa Uber apropria-se do serviço sem lhes garantir nenhum direito trabalhista e torna-se a maior e mais lucrativa empresa de transporte particular mesmo sem possuir nenhum veículo, as fábricas de açaí, sem empregar seus principais atores de produção, atuam em dinâmica semelhante.

O chamado trabalho *home-office*, em que o trabalhador e trabalhadora usa seu próprio ambiente doméstico para realizar o labor ilustra a flexibilização do deslocamento, que disfarça a ausência de jornadas pré-determinadas, de organização sindical e sociabilidade coletiva do trabalho, abrindo margens para a intensificação da jornada de trabalho desprotegido, visando o alcance de metas das empresas modernas que – vejamos as semelhanças com a produção do açaí – mesmo não possuindo mais o inspetor da fábrica realizando o controle de produção no espaço fabril, ameaçam a sobrevivência dos trabalhadores e trabalhadoras através da insegurança empregatícia, logo, o que resta é produzir cada vez mais, mesmo que o trabalho esteja sob a lógica de autogestão de jornada.

É desta complexidade que surge o interesse em analisar quem é esta *nova classe* de trabalhadores e trabalhadoras, a partir das inquietudes de questionar: é nova ou são os desempregados e desempregadas habituais do sistema capitalista? Chega a ser uma classe? As metamorfoses do mundo do trabalho nos coloca frente a um:

Conceito ampliado de classe trabalhadora, em sua nova morfologia [...], cada vez mais integrados pelas cadeias produtivas globais e que vendem sua força de trabalho como mercadoria em troca de salário, sendo pagos por capital-dinheiro, não importando se as atividades que realizam sejam predominantemente materiais ou imateriais, mais ou menos regulamentadas (ANTUNES, 2018, p. 36).

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Destarte, podemos identificar que a terceirização da produção e a precarização do trabalho que ocorre no cultivo do açaí em Igarapé-Miri está relacionada com as novas condições trabalhistas postas ao proletariado de toda a sociedade capitalista.

O Conselho Federal de Serviço Social (2020) afirma que:

Trata-se de um conjunto de novas situações de trabalho, em relação às quais temos pouco conhecimento empírico acumulado, carecendo de pesquisas que possam capturar o processamento dessas novas formas de organização do trabalho e seus rebatimentos nos conteúdos, significados e organização do trabalho, que, nesses casos, passam a suprimir aquilo que é parte da sua natureza [...] (CFESS, 2020, p. 29).

Quando o próprio Marx (1978) vem dizer que “para trabalhar produtivamente, já não é mais necessário fazê-lo com suas próprias mãos; basta, agora, ser um órgão do trabalhador coletivo, executar qualquer uma de suas subfunções”, temos instrumentos para discutir a configuração do trabalho desregulado que atravessa os mais variados setores desse contexto global que é o modo de produção capitalista, com todas as suas estratégias de dominação e exploração, mesmo que inscritas em especificidades locais, mas que não se deixa furtar de sua estrutura basilar e comum à todas as condições e variações de labor dessa sociedade que é a desumanização do ser social originada pela relação capital-trabalho.

4 CONCLUSÃO

Compreender o trabalho é uma atividade complexa, não podendo ser observado sob a perspectiva de uma só dimensão ou de um único recorte. O quadro de alterações que as atividades produtivas vêm sofrendo com o avanço do capitalismo e ampliação do conceito de trabalho desperta o conflito quando se questiona a precarização dos processos de produção e o descompasso entre o planejamento estratégico da aquisição de recursos e a valorização da mão de obra dos produtores.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

O protagonismo dos ribeirinhos no cultivo do açaí e a luta que se constrói em Igarapé-Miri desde a década de 1990 com a reocupação das terras e a reeducação da produção do fruto não deram à população miriense imunidade contra as transformações que o mundo do trabalho sofreu e continua sofrendo.

A expressiva presença das fábricas modificou todas as etapas de produção, de modo que as próprias associações e cooperativas que atuam como iniciativas autônomas dos próprios trabalhadores e trabalhadoras rurais se deparam com a dispersão de produtores, consequência das novas relações de trabalho com as agroindústrias.

O estranhamento ao produto de nossa própria terra é uma ferramenta de luta da população, mas ela não se encontra em igualdade de força no conflito contra o capital que, através da lógica do desenvolvimento e da industrialização, tenta nos convencer de que a exportação de nossos recursos às outras regiões do Brasil e do mundo são atestados de que estamos inseridos na divisão socioeconômica que se beneficia disso.

É necessário pensar o trabalho como fundamento de toda riqueza social, mas não riqueza atrelada à acumulação, à privação, exploração; riqueza no sentido de que, sem o trabalho, não há vida em sociedade. Pensar o trabalho além deste modo de produção que não nos contempla, que gera pobreza, miséria e a destruição de nossos recursos.

Para isso, é necessário desvendar os instrumentos e estratégias criados pelo sistema capitalista que, mesmo sem nos obrigar a produzir, já que a força de trabalho é negociada livremente, não nos deixa outra alternativa dentro dessa lógica de apropriação do trabalho senão participar da autoexploração.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada
Internacional
Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



CABRAL, Rayanni Corrêa. **Circuito espacial da produção do açaí do município de Igarapé-Miri/PA.** Anais do XIV Encontro Nacional de Pós-graduação em Geografia. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/78384>. Acesso em: 05 jun. 2023.

CFESS. **Atribuições privativas do/a assistente social em questão.** Brasília: Conselho Federal de Serviço Social, vol. 2, 2020.

FUNDACENTRO; INSTITUTO PEABIRU. **O peconheiro:** diagnóstico das condições de trabalho do extrativista de açaí. Relatório para o programa “trabalho seguro”. Belém, Pará, 2016. Ministério do Trabalho. Disponível em: https://institutopeabiru.files.wordpress.com/2016/05/160427_relatorioanual2015_v3.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política, livro II: O processo de circulação do capital. São Paulo: Boitempo, 2014.

_____. **O capital:** livro I. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

MARCELINO, Paula. A administração e a terceirização: como o pragmatismo compromete a análise. In: PADILHA, Valquíria (org.). **Antimanual de gestão:** desconstruindo os discursos de management. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2015.

MOTA, Ana Elizabete. As transformações no mundo do trabalho e seus desafios para o serviço social. In: Departamento de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica - Rio de Janeiro. **O social em questão,** vol. 1. Rio de Janeiro: PUC, 1997.

MELLO, Natália. **Produtores de Igarapé-Miri dizem que o controle de qualidade vai salvar o açaí.** O Liberal, 04 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.oliberal.com/economia/produtores-de-igarape-miri-dizem-que-controle-de-qualidade-vai-salvar-o-acai-1.430055>. Acesso em: 08 jun. 2023.

REYMÃO, Ana; FILHO, José; KOURY, Suzy. Globalização e precarização do trabalho do “peconheiro” na economia do açaí. In: REYMÃO, Ana; FILHO, José; KOURY, Suzy (orgs.). **O açaí na Amazônia brasileira:** aspectos socioeconômicos e jurídicos da cadeia de valor. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2020.

ROGEZ, Hervé. **Açaí:** preparo, composição e melhoramento da conservação. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará (ed.ufpa), 2000.

SECUT. **Igarapé-Miri, a capital mundial do açaí.** Prefeitura de Igarapé-Miri. Disponível em: <https://igarapemiri.pa.gov.br/o-municipio/sobre-o-municipio/>. Acesso em: 03 jun. 2023.

PROMOÇÃO



APOIO